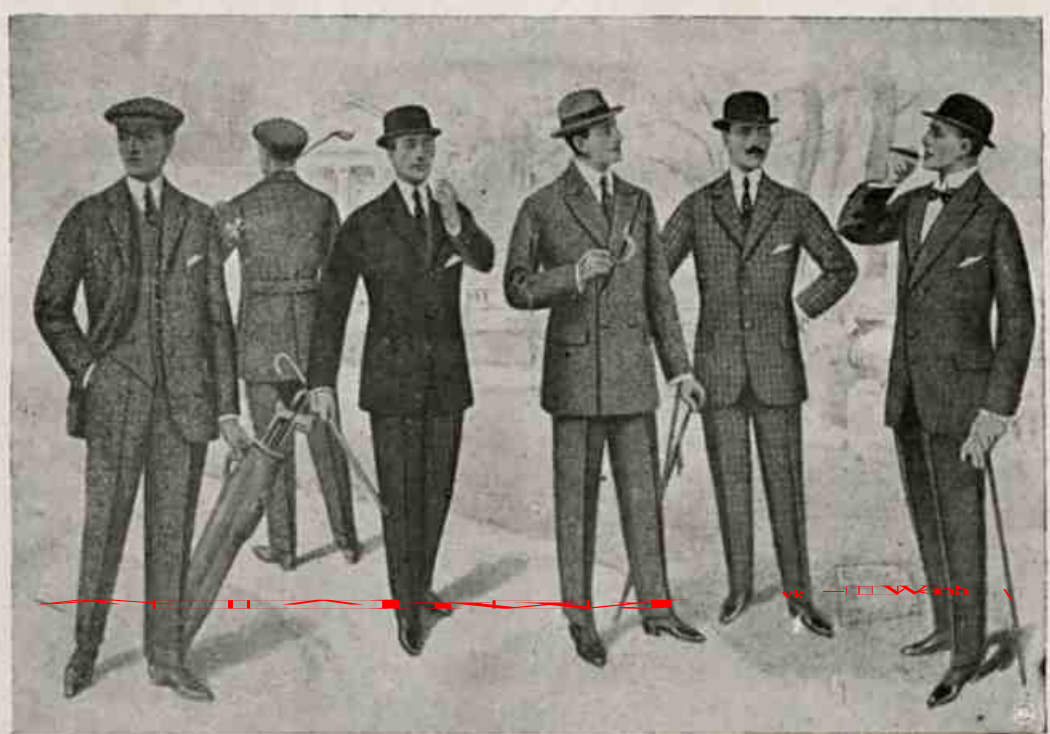
Sabbado 19 de Agosto de 1916

UM PLANO KOLOSSAL

O KAISER — Terminada a guerra, nós vamos ligar as ilhas britannicas ao continente, aterrando a Mancha com as terras dos Carpathos.

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

935 — Paletot e calça em cazemira pura lã, collete em tecido fantasia . . . . 85$000
Bonet em cazemira de lã, artigo inglez, superior . . . . 8$000
Borzeguins em chromo amarello, artigo fantasia, o par . . . . 27$000

936 — Costume feitio *Caçador*, em tecido de lã impermeavel azul ou côres. 60$000

937 — Paletot e collete em cheviot preto, boa confecção e bons forros . . . 58$000
Calça em casemira pura lã, côres da moda . . . . 28$000
Chapéos de feltro, ultimos modelos, desde . . . . 12$000
Borzeguins em verniz, com cannos de buffalo beige, o par . . . . 26$000
Gravatas de seda, desde . . . . 2$900
Idem idem inglezas, desde . . . . 5$000

938 — Terno de jaquetão, cazemira pura lã, côres modernas . . . . 85$000
Chapéos de feltro mole, ultimos modelos, desde . . . . 12$000
Botas verniz, cannos buffalo, beige 27$000
Collarinhos de linho, 5 folhas, fabricação ingleza, especial para a Casa Colombo, a duzia . . . . 18$000
Camisas brancas,com pregas, desde 4$500
Idem, zephir de côr . . . . 5$500
Luvas fio d'escossia, o par . . . . 3$000
Idem de lã . . . . 2$500
Bengalas diversas 8$ — Guarda-chuva . . . . 6$500
Lenços brancos, duz. 7$5 — de côr 6$000

939 e 940 — Ternos de paletot, cazemira moderna, pura lã, cortados pelo ultimo figurino inglez, 68$ e . . . 76$000
Borzeguins verniz, cannos camurça, cinza . . . . 28$000

GRANDE E NOVO SORTIMENTO DE GRAVATAS INGLEZAS VINDAS PELOS ULTIMOS VAPORES

Importante decisão das Camaras Reunidas

Fac-simile do vidro d'A Saude da Mulher

A SAUDE DA MULHER

e as imitações criminosas

Com as epigraphes acima, publicou «A Noite» desta capital, no dia 7 de Agosto corrente, a importante noticia abaixo transcripta e para a qual chamamos a attenção dos leitores:

"Em sessão de quinta-feira da semana passada mandaram as Camaras Reunidas da Côrte de Appellação que se cancellasse o registro da marca apresentada por Benedicto Leoncio da Silva para um preparado pharmaceutico seu, cuja denominação "A Salvação da Mulher"—identica á do preparado pharmaceutico "A Saude da Mulher", dos Srs. Daudt & Oliveira — viria prejudicar esta ultima firma, que tem a sua marca registrada já ha muitos annos.

A decisão das Camaras Reunidas, aliás, esperada por ser de justiça, é mais um golpe á concorrencia desleal a que é preciso pôr um paradeiro, e ao mesmo tempo mais um acto que vem alentar e garantir o commercio emprehendedor e honesto.

Foram advogados dos Srs. Daudt & Oliveira os Drs. Antonio Pinto e Lopes da Costa."

A Saude da Mulher não se confunde com as imitações criminosas.

A Saude da Mulher, o grande remedio para curar incommodos das senhoras, é um remedio de fama consolidada numa larga e brilhante carreira, merecendo a confiança da classe medica e do publico pela efficacia de suas propriedades e pela probidade profissional e commercial, que sempre caracterisou a nossa industria pharmaceutica.

Fac-simile da caixa d'A Saude da Mulher

Laboratorio DAUT & OLIVEIRA

SUCCESSORES DE DAUT & LAGUNILLA

CARTAS DE UM MATUTO

(Resposta da comadre Thereza)

Seu Tiburço, o mez passado,
Fôro á Côrte, passeiá,
Muitos môços inlegante
Desta grande Capitá :
Fôro quasi de prepósto
Pra sómentes esperá
O maió dos brasileiro
Do Senado Federá.

Me arrefiro a Ruy Barbosa,
Nosso grande Conseiêro,
Que, a convite dos governo,
Foi pará lá no Extrangeiro,
Pra sarvá nosso paiz
Dessa crise de dinheiro,
Que se vê pro toda a parte
Assolláno o mundo inteiro.

Um doutô mêmo nas lettra,
Da sciença grande obreiro,
Conquistou já grande fama
De talento verdadeiro !
Divogádo de premeira,
Oradô muito certeiro,
Já fallou bonito em Haya
Contra a causa dos guerreiro.

Esses môço que lá fôro,
Proveitano a cazião
(Como li nas riportage)
Tivero outras pretenção :
De gosá muito na Côrte
Nessa festa de excursão,
E de todos os jorná
Percorrê as redacção.

São prefeitos cavalêro
De caráte e seredade :
Vancê póde recebel-os
Co'a maió sinceridade.
Elles faz parte dum crúbe,
Que conheço na cidade,
Sito á rua dos Guayaes,
Onde reina a mocidade.

Esse crúbe, na verdade,
Predilecto das famis,
(Já vancê tarvez conheça)
Não tem grande istocracia,
Mais porém é tão completo,
Vê-se ali tanta harmonia
E frequenta-se as partida
Sem gastá grandes contia !

Saiba ossê que o dito cujo,
Onde exéste essa união,
Tem de toda as Facurdades
Elimentos muito bão :
Estudantes de dereito,
Bachareis em formação ;
Boticarios e dentista
Vê-se lá dum pé pra mão.

Muitos cursa genharia,
Outros segue medicina.
Uma coisa me dimira :
Lá não vê-se jogatina
Nem bebida espirituosas,
Como em crúbes é rotina !
Tem por isso a confiança
Das famia horisontina.

Já tem elle a sua orchestra
De causá dimiração,
Tem tombém mestre de dança
Que os mais crúbe não tem não ;
E promóve conferenças
De graudos figurão...
Viu vancê quantas vantaje
Tem a tá sociação ?

Uma vez arreuniro
Todos môço do lugá
N'uma fésta dos calouro,
Terminano num jantá.
Eu tombém fui convidada
E me foi representá
O Mané de siá Camilla,
Conhecido do arraiá.

O doutô Derfim Mourêra
Que tem sempre bataiado
Pra vencê os nalphabeto
Que se vê ni seu Estado
Vem tombém oxiliano
Esse gremo tão fallado :
O cultivo dos mineiro
E' seu culto mais sagrado.

Seu Derfim ha muito tempo
Que protege as instrucção :
Fundou grupo em toda a parte,
Cria escola em profusão,
Favorece os hospitá,
Institutos da nação,
E o sabê superiô
Tombêm não despreza não.

Nunca vi tantos doutô
Como aqui nesta Cidade
E (já súbo) são formados
Mêmo cá nas Facurdade ;
Estudantes e sordados
Ha tombém em quantidade,
Mais porém os funccionaro
Inda excede essa trindade !

Seu Tiburço ossê discurpe
Essas minha amolação
De fallá nos estudante
Com prazê no coração ;
«Separae (nos manda a Bibra)
Sempre o joio do bão grão»,
E os progresso cá de Mina
Não se deve esquecê não.

. . . .

Meu cumpade, o Mirabelli,
Espirita e mandingueiro,
Nunca passa (eu lhe garanto)
Dum tratante feiticeiro ;
Os milagre que elle faz,
Assombráno o mundo inteiro,
São pru via do Capeta,
Seu valente companheiro.

Diz a Bibra que o Demonio,
«Quando os tempo fô chegado,
«Obrará mil maravia»
Pondo o povo dimirado,
Mais porém quem se perdê
Por tê nelle acreditado
Ficará nos purgatorio,
Num suppriço arrenegado.

Noutra carta que escrevê,
Com mais pausa e mais vagá,
Tocarei mais por miúdo
Noutros facto do lugá;
Fallarei nos espirita
Mêmo aqui da Capitá,
Descreveno a crença delles
Pro Zé-povo dimirá.

Como já queixei vancê
Eu já fiz um juramento
De mudá desta Cidade
Por fartá-lhe carçamento :
A poeira é por demais,
Não resisto o soffrimento.
Dê lembranças á Biella.

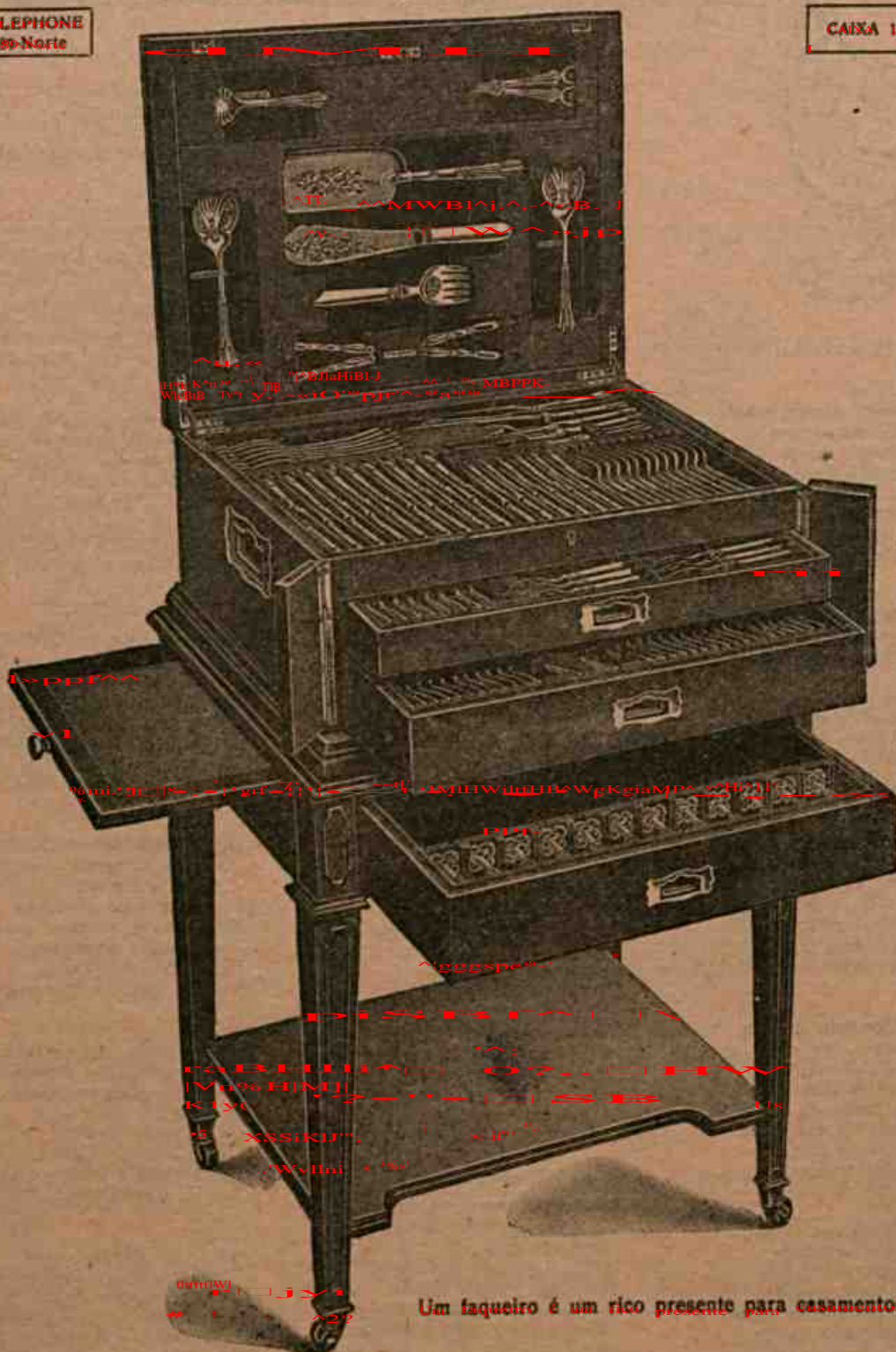
Thereza do Sacramento.

Bello Horizonte.

MAPPIN & WEBB

Unicos fabricantes da afamada «PRATA PRINCEZA»

TELEPHONE
489-Norte

CAIXA 115

Um faqueiro é um rico presente para casamentos

100 OUVIDOR 100 — RIO DE JANEIRO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 28 - SÃO PAULO

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . . . 15$000 | SEMESTRE 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs.—ESTADOS. . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 426 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 19 — AGOSTO — 1916 — ANNO IX

POLITICA MINEIRA

No agitado e fecundo periodo presidencial interrompido pela morte do Conselheiro Affonso Penna, as estreitas rivalidades de burgo e as baixas invejas pessoaes que scindiram os politicos mineiros em dois campos de luctadores, num dos quaes os combatentes eram perfidos actores da sombra, foram as causas primeiras e o factor maximo dos desastrosos acontecimentos cuja consequencia inesperada foi a triumphante candidatura hermista.

O famoso matuto Bias Fortes, o matreiro usurario Xico Salles, o desastrado Bernardo Monteiro, e tambem o sr. Wenceslão Braz, disputando-se, para si, ou para os seus apaniguados, a gloriosa herança, tão ingloriamente desbaratada, de João Pinheiro; a hoste desigual que constitue a representação de Minas na Camara, — céga de ambição, subdividida em grupelhos de despeitados, agitando-se movidos pela inveja que lhes inspirava o eminente sr. Carlos Peixoto; uma sinuosa multidão de rebeldes que batiam palmas á candidatura Campista e ajudavam o senador Pinheiro Machado a destruil-a, as competições e os interesses contradictorios, dirigindo a acção dos politicos, deram por terra com a celebrada hegemonia mineira e atiraram ao tumulo o Conselheiro Penna.

Deante do cadaver do Presidente a quem ia substituir, o Vice-Presidente Nilo Peçanha, para dizer alguma cousa, exclamou: *Que fatalidade!* e a marcha dos tempos provou o valor prophetico dessa phrase, para a demonstração de cuja verdade o habil estadista que a pronunciou teria de contribuir com lamentavel e teimosa efficacia.

As rivalidades que esterilisaram os honestos esforços da primeira presidencia mineira e produziram a agitação politica que ainda abála e alarma o depauperado organismo do Brasil, ressurgem com o vigor primitivo e com as terriveis manhas antigas, ameaçando transformar o actual quatriennio de governo numa quadra esteril de mesquinhas brigas de comadres.

Em Minas, já começam, visando a futura candidatura presidencial, as manobras subterraneas do sr. Xico Salles, as dansas de tico-tico do sr. Bernardo Monteiro, as caçadas taciturnas do sr. Bias Fortes, emquanto, respirando o ar dos primeiros receios no Palacio da Liberdade, o sr. Delfim Moreira abre os olhos, que a desconfiança dilata.

Na Capital Federal, sob os olhos incautos do sr. Wenceslão Braz, os representantes de Minas, separados por latentes rivalidades e mal contidos ciumes, como no tempo do Conselheiro Affonso Penna, subdividem-se em grupo de descontentes e ao passo que apparecem nos recintos parlamentares com a mascara satisfeita da união na face, cochicham as suas máguas e sussurram as suas esperanças nas palestras ligeiras murmuradas nos corredores do Congresso, nos saguões dos Ministerios, nas ante-camaras da imprensa.

Hoje, como hontem, com a sua tranquilla superioridade, o illustre sr. Carlos Peixoto desdenha dos seus minusculos rivaes, e a estes, enchendo-os de tristes despeitos, desorienta a elevada estatura politica do altivo émulo de Pinheiro Machado; muitos cavalheiros desejam empunhar o bastão de *leader*, arrancando-o das mãos que o detêm; o commedido sr. Antonio Carlos seria feliz se o ministro Calogeras lhe abandonasse a pasta das finanças e o sr. Pandiá eriça os seus atrevidos bigodes a Kaiser, fungando de cólera contra a insidia de seus patricios.

O povo, na eminencia da fome, não acompanha essas rusgas de bastidor e pensa que os nobres estadistas mineiros estão procurando, com interesse patriotico, salvar as finanças patrias, quando elles, apenas, procuram se substituir, uns pelos outros, nas altas posições brilhantes.

Quando se agitar, dentro de pouco tempo, a questão periodica das candidaturas á presidencia do Estado e á da Republica, essas questiunculas internas virão á furo, e no momento de estupor provocado pela explosão dellas, talvez o sr. Wenceslão Braz, com a sua robusta mocidade, escape ao traumatismo moral, mas o Brasil, si fôr de novo parar ás mãos da improbidade arbitraria e inconsciente, difficilmente escapará á sorte que a voracidade das raças fortes impõe á miseria dos povos incapazes.

NUGAS E BISCATES

« VERITAS SUPER OMNIA ! »

Em 1904, quando fui para S. Paulo, afim de iniciar meu curso juridico, levei uma carta de recommendação para o sr. Pampiona, importante commissario de café, a quem pedi uma collocação que me permitttisse continuar suavemente os meus estudos. Depois de ler a carta de apresentação e de ouvir o meu pedido, disse-me o commissario :

— Não tenho actualmente aqui na casa nenhum emprego que lhe sirva. Mas vou apresental-o ao dr. M. Santos, lente da Faculdade de Direito, advogado conceituadissimo e de vasta clientela. Estou certo que elle o collocará bem, talvez mesmo no seu escriptorio. E' um homem original, vaidoso em extremo, mas um coração de ouro.

Com effeito, quando entreguei o cartão do sr. Pampiona ao referido advogado, disse-me este :

— O senhor pode ficar aqui em meu escriptorio nas horas em que não tiver occupação na Academia. Copiará autos e me prestará outros serviços que lhe irei indicando. Vencerá o ordenado mensal de 200$000, que augmentarei depois si o seu trabalho me agradar.

Fiquei contentissimo com aquella collocação inesperada. Passava uma ou duas horas por dia no escriptorio, num trabalho leve e suave. Nos primeiros dias de convivencia com o dr. M. Santos, conheci logo o seu caracter : era um homem franco, generoso, desapegado do dinheiro, mas de um orgulho descomedido. Julgava-se o primeiro lente da Faculdade e o advogado mais habil e intelligente de S. Paulo. Conhecendo esse fraco do meu protector, eu me mostrava inexgotavel em elogios, «de corpo presente», ás suas prelecções na Academia e ás suas defesas no Jury. Foi num dia desses, em que comparei uma sua defesa ao verbo eloquente de Ruy Barbosa, que o dr. Santos me elevou o ordenado a 400$000. Depois me disse :

— Estou muito satisfeito com o seu trabalho. O sr. é um rapaz activo, intelligente, franco, leal. Ha de ir longe ; e conte com a minha vigilante protecção. Não se arreceie do futuro. Mas preste attenção no que vou lhe dizer, para o seu governo. Si algum dia, nas rodas academicas ou jornalisticas, o sr. ouvir dizer que algum collega me excedeu em brilho, ou si fôr esta a sua opinião, não tenha a menor duvida em me falar com toda a franqueza. Não me zangarei, pois amo a verdade acima de tudo. «Veritas super omnia !»

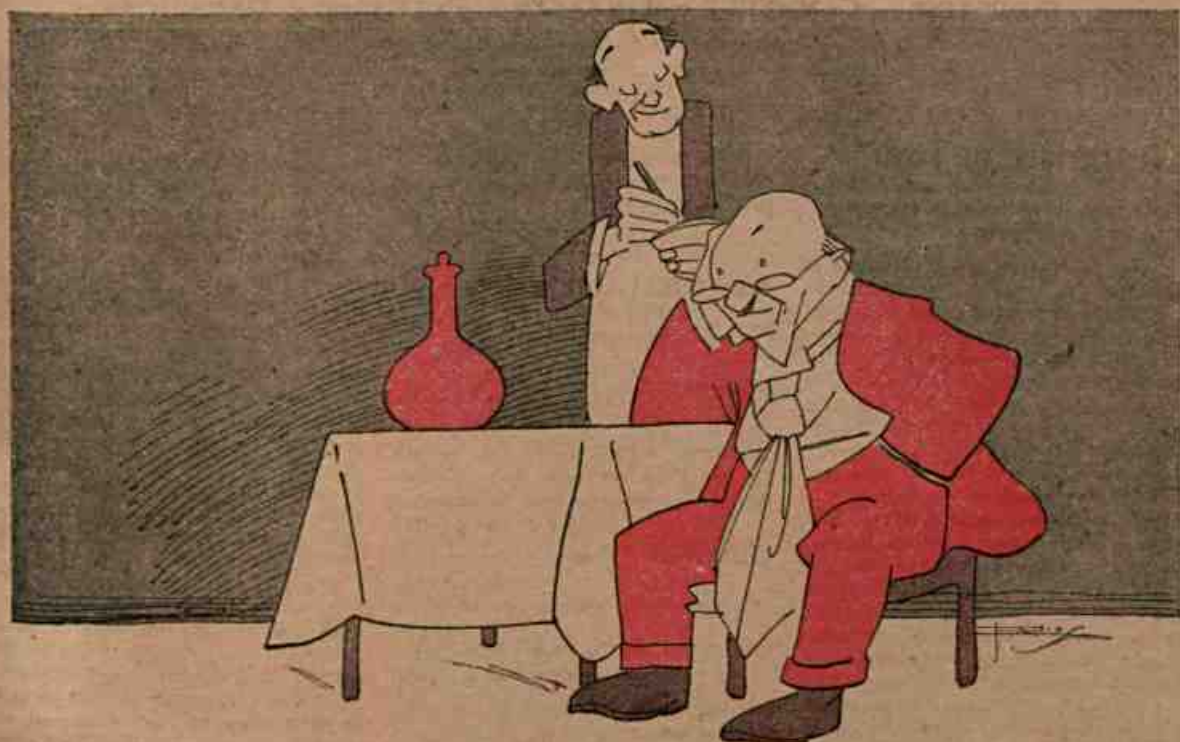
Apezar desse aviso tão frisante, eu me contive varias vezes em dizer ao meu protector que, na minha opinião e na de outras pessoas, havia em São Paulo tres ou quatro advogados mais afamados que elle, e, na Academia, alguns lentes de mais brilhante destaque.

Entretanto, tantas vezes me exigiu o dr. Santos franqueza e lealdade, que certa occasião, após uma sessão do Jury em que a opinião unanime (inclusive a minha), considerava a accusação do promotor

NA PRETORIA

— Mas você, um homem branco, não tem vergonha de casar com uma preta ?

— O senhor sabe... E' preciso proteger o *carvão nacional*.

A' hora tragica de pagar

O FREGUEZ — Dez mil e oitocentos por um jantar! E' pasmoso!

O GARÇON — Mas V. Ex. comprehende. V. Ex. comeu *linguado com ovos de gallinha, miólos de vitella, lingua de vacca e costellas de leitão*. Os productos hybridos custão mais caro.

muito superior em brilho e logica á defesa d'aquelle advogado (que aliás, perdeu a causa), eu, na esperança de um augmento de ordenado, resolvi dizer a verdade ao meu protector.

— Então ? Que se diz ahi da minha defesa ? perguntou-me o dr. Santos.

— A opinião geral, respondi eu, num assomo heroico de coragem, é que o seu discurso, apezar de brilhante, foi offuscado, desta vez, em brilho e logica, pela accusação da promotoria.

— E a sua opinião pessoal ? retrucou o dr. Santos.

— Penso tambem que o sr. tem feito outras defesas mais brilhantes...

— Pois está completamente enganado! tornou o advogado, pallido de colera. Nunca em minha vida pronunciei uma defesa tão brilhante e tão logica como a de hoje. O réo foi condemnado, porque os jurados, uns imbecis, se deixaram levar pela lábia do promotor, um cretino. A opinião que o senhor me expoz é o reflexo da inveja, do despeito ou da obtusidade de alguns idiotas... Estamos hoje no meio do mez, vou lhe pagar o seu ordenado por inteiro; o senhor está despedido. Vou substituil-o por outro rapaz mais intelligente e criterioso, que não faça côro com os meus inimigos.

Recebi os meus 400$000 e sahi, mandando ao diabo a franqueza, a lealdade e o «Veritas super omnia !»

C. B.

Cama de campo, de móla, para os soldados feridos

A gravura mostra uma cama de campo, de móla, para os soldados feridos, invenção de um cirurgião militar allemão.

Consiste sua estructura em dous supportes em fórma de A, com uma viga unindo as suas extremidades superiores, e em baixo duas vigas apartadas numa distancia igual á altura do leito. Na frente ha duas vigas cruzadas que tornam mais solida a armação e servem tambem de apoio á extremidade do colchão; o resto deste é suspenso em cintas de algodão.

Essas camas são leves, portateis, podendo ser armadas e desarmadas facilmente.

LA CARÈTE ÉCONOMIQUE

Journal hebdomadaire consagré aux interets de qui pague bien

INDUSTRIE — COMMERCE — FINANCES — POLITIQUE — CAVATIONS

Apparait touts les sabbados — Organe allié

N. 1011 | 19 — Aout — 1916 | Prèce 300 rs.

ARTIGUE DE FOND

La neutralité active et la neutralité passive

Avec les esclarèçuments donnés a la Chambre des Deputés pour occasion de la retiré de la proposte sur la *black liste*, fiqua completement conheçue la differen-ce entre la neutralité active qui nous en três bonne compagnie sustentons qui doit être adoptèe par le Brésil, et la neutralité passive qui aucuns idiots indusif Mr. le president de la Republique et le docteur Antoine Charles entendent qui est la qui le Brésil doit continuer a maintenir.

Et avec ces esclarèçuments, nous n'avons duvide aucune qui toutes les gens de bon sens viennent fonner de cette bande deixant le poignade d'individus qui le mineur epithète qui merècent est de mauvais patriotes, isolés dans l'autre. Avec effect qui est la neutralité passive qui nous tenons adopté jusqu'agore ? Une position incommode, deixant dans notres ports, ancorés et en paix une portion de navires allemands qui pouvaient ander naviguant pour l'Europe, transportant les mercadories qui nous produisons et carre-guant dans l'Europe les autres mercado-ries de qui nous estejons necestités ; ne protestant pas avec energie contre les barbares qui donnent pourrade de crier bicbe dans les defenseurs de la civilisa-tion ; ne vendant pas aux alliés les deux milhons de carabines qui sont deposités dans nos arsenaux s'enferrujant ; deixant le *Minas Geraes* et le *Saint Paul* creer ostres dans le fond, immobilisés dans les agues parées de la bahie, en fois d'aller tomer une partie glorieuse dans les estu-pendes actions navales du mer du Nort ; ne botant pour fore du ministère un ministre positivement suspect aux defen-seurs des droits des peuves civilisés pour être descendant direct par le sang et par le nom, des supracités barbares ; no to-mer compte enfin de la portion de cases barbaresques qui existent pour le Brésil a feure impetant les dones de continuer a commercier avec la gent de bien.

Pour cette petite relation nos lecteurs vejent três bien comme sont mauvais pa-triotes les passivistes.

Les activistes au contraire prèguent justement que le Brésil doit faire ce qui les passivistes ne quièrent.

Est le resultat que le Brésil pouvait tirer de tout est tant claire qui entre par les yeux les plus fechés de cet monde.

Mais comme la bourrice humaine est infinite le gouverne teime en continuer la politique passaiviste, desprezant les conseils des bons patriotes qui nous sommes. Pa-tience !

Tard il se repentira ! Quand la guer-re acaber est qui nous verrons qui tient garrafes vasies pour vender !

Mais sera tard ! Tard paieront les mauvais patriotes ! Et nous estejerons ici pour les castiguer !

Bouillon Lefou

LITERATURE etc

Cheguant à Paris

(Paul de Gardnik)

Pour Jean de Rio mon frère dans l'Art.

Je cheguais a Paris une nuit très sombrie
La lune s'occultait entre flocs de rende
Ah ! Comme je conserverai la lembrance
de ce die !

J'etais comme Ahasverus, vaguant de tende en tende
Ou comme un vagabond de la rue du Lavradie
Qui n'a pas dans la bourse ni un toston
pour tomer paraty dans la vende.

J'acabais une voyage cheie de peripecies
Voguant par un ocean qui occultait dans ses eaux
Submarines, mines flouctuantes, et autres choses varies.

Je m'avais encommendé a Saint Sebas-tien de Rio
De Janeiro, et à toutes Saintes Maries
Qui constent du Calendaire ; et cheguant a Bordeaux

Je criai âme neuve. Enfin je pisai terre !
Je sentis l'alegrie de Christove Colombe
Quand desembarqua entre vives et berres

Dans le Brésil le descouvrant ; je tombe
Sur le quai et sentant l'odeur de la guerre
Dans mon cœur perturbé l'enthousiasme ribombe.

Au partir pour Paris, la capitale de l'Uni-nivers
Mal chéguant je me considerai Parisien
Et faisai immediatement ces petits vers.

Pour dire a mes patrices et patrices tant bien
Que comme l'héroique et conheçu Chan-tecler
De Cyrano je terais un pannache mien.

Et quand je volter a l'Avenue Fleuve Blanc
Je serai comme elle blanc, blanc, blanc, blanc,
Blanc comme Jean de Rio, blanc, blanc, blanc . . .

Blanc. . . . Blanc. . .

Les produits de la pecuaire

Le docteur Antoine Prade a boté dans les joraux de Saint Paul un arti-gue alarmant affirmant qui si nous ne tomassions cuidade nous fiquerions arris-qués a, dans le fin de la guerre, d'ici a dix ans, n'avoir ni une cabèce de ga-de dans notres pastes.

Nous sommes de la même opinion et la raison est simple ; les soldats en armes sejant sustentés par le gouverne mangent en une semaine plus chair qu'ils estejaient acostumés a manger dans l'an entier, quand le compraient avec ses arames. Pour cet motif la consomation de la chair centupliqua sans qui les rebanhes fizessent le même. De cette manière les soldats comeront d'ici jusqu'à la termination de la guerre tout le gade existant dans le globe et depuis nous fiquerons chouchant dans le doigts sans chair ni pour faire un bife avec batates.

Le gouverne, dans notre opinion de-vait determiner qui l'exportation de la chair seul pouvait être faite en termes, iste c'est pour exemple : tout la gent sait qui les açouguièrs quand vendent la chair à la gent sempre ajuntent un peda-ce qu'ils chament *contrepoids* ; cet *con-trepoids* est une chose qui en general aucun n'a proveite. Pour cet motif regula-mentant l'exportation et la vente de la chair le gouverne devait baixer une loi ou decret determinant qui touts les *con-trepoids* et seuls les *contrepoids* pouvaient être exportés ; de cette manière nous fi-querions libres de la gatounice des açou-guiers et ces honnetes industriels pouve-raient gagner honradememte son denier exportant les *contrepoids* qui tant contre-pèzent actuellemente dans notres bourses.

Deux seraient les vantages ainsi obtenues, pour nous et pour les compra-teurs de l'Europe ; seuls perderaient les gates qui en toutes les cases est qui pro-fitent des dits *contrepoids*.

De cette manière nous fiquerions li-bres du perigue d'acaber notre gade et le gouverne serait consideré un benemerite. Nous sujetions notre proposte à l'apre-ciation du grand estadiste docteur An-toine Prade qui fut juntement l'iniciateur de l'exportation de la chair de notre gade pour l'Europe et qui parait alarmé avec les proportions qui va tomant cette industrie.

RECETTES

Pour tirer manches de gordure de la roupe. — Se pegue dans une thesoure bien afiée e se recorte cuidadeusement le pan manché en torne de la manche ; en se-guide se leve le pedace au feu dans une vasilhe avec sabon et potasse ; depuis s'esfregue vigoureusement repassant dans l'ague frie, se bote au sol pour sequer ; en seguide se passe a fer e le lecteur peut fiquer segur qui la gordure disparait entièrement du pan qui peut servir pour limper les meubles ou pour quelque autre service de circonstance.

Numa soirée elegante

Entre dous cavalheiros :

— Vês aquelle sujeito que está alli encostado á hombreira da porta ?

— Vejo.

— Pois ninguem é capaz de fazer idéa d'aquillo que lhe devo.

— Tem sido teu protector ?

— Não. Tem sido, e é... meu senhorio.

Não raro, quasi todas as vezes que ha festa ou reunião numa legação qualquer, poderiamos affirmar — o protocollo diplomatico soffre leves arranhões e tão constantemente elles se repetem que se estão tornando praxe.

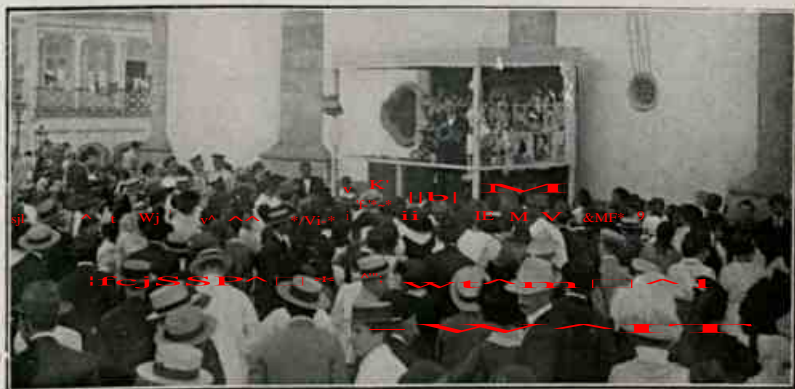
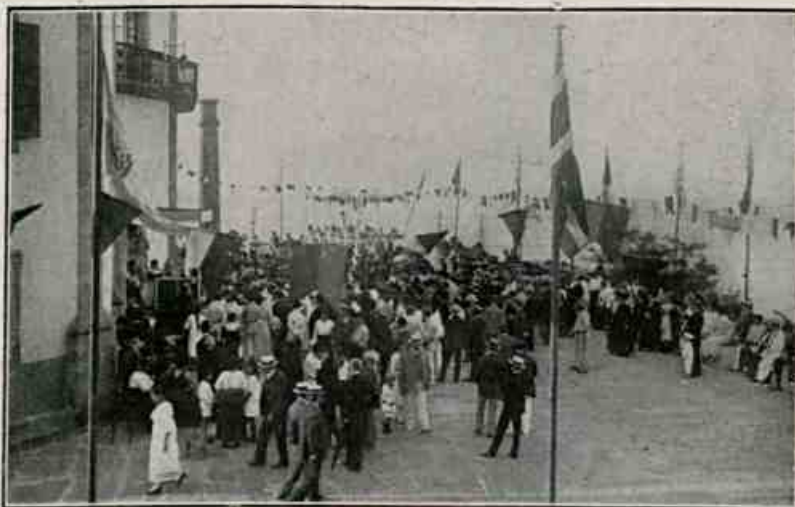
Assim é que, nos dias de taes festas, não ha redacção no Rio que não receba uma telephonada :

— Olá !... fala a legação X ou... embaixada J...

O redactor, esperando uma novidade sensacional, apanha uma tira de papel e cospe na ponta do lapis :

— Aqui... a redacção.

— Muito bem, repete a longinqua voz, hoje ha recepção... Não esqueça de prevenir o photographo... Faz-se questão da presença do photographo.

Devemos concordar que um tal convite póde ser muito commodo, mas francamente é nada diplomatico.

Festa de N. S. da Gloria do Outeiro. — Leilão de prendas.

Chegada da Embaixada Financeira Americana

CONCERTO

Nininha Velloso

Realisa-se quarta-feira, dia 23 do corrente, no salão nobre do *Jornal do Commercio*, o recital de piano em que a senhorita Nininha Velloso, apresentando-se pela primeira vez ao julgamento da critica, terá occasião de firmar em publico os seus extraordinarios dons artisticos já pelos seus intimos admirados.

Possuindo uma alma profundamente emotiva, o seu illustre pai e mestre aprimorou-a com escrupulo e só depois de comprehender que a sua educação musical estava completa, consentiu que a distincta pianista se apresentasse ao juizo dos apreciadores da arte pura.

A senhorita Nininha Velloso não se apresentará como uma simples promessa; o publico irá ouvir uma artista consumada que tambem é compositora de delicado sentimento.

E' de esperar, portanto, que o salão nobre do *Jornal* fique replecto, pois o interesse demonstrado nos centros mundanos por esse recital, fará com que nenhum elegante que aprecie as suggestivas sensações da arte perfeita deixe de ir a esse concerto.

No theatro

O prestidigitador dirige-se ao publico :

— Algum dos cavalheiros presentes faz-me a fineza de me emprestar o seu relogio ?

Um espectador responde muito sériamente :

— Não póde fazer o mesmo effeito uma cautela de penhor ?

Chronica parlamentar

COMMISSÃO DE DIPLOMACIA E TRATADOS

O formoso deputado Celso Bayma apresentou o parecer sobre o telegramma circular dirigido aos consules do Brasil no Extrangeiro pelo sr. dr. Ministro Interino das Relações Exteriores.

Esse parecer é uma obra de grande erudição e pode dar um volume de quinhentas paginas. Eil-o:

«PARECER. — O sr. dr. Luiz de Souza Dantas, Ministro interino das Relações Exteriores na ausencia do meu nobre amigo, distincto compadre, illustre general, provecto engenheiro, eloquente membro da Academia de Letras, habil diplomata e meu digno conterraneo sr. Lauro Muller, dirigio aos nossos consules no extrangeiro um telegramma circular dizendo que elles não devem continuar a ser, nos seus postos, simples gozadores elogiados pelos jornaes em que têm amigos e que devem procurar ser uteis ao paiz, estudando as suas relações economicas, os seus recursos industriaes, o seu commercio e todos os seus interesses.

«O telegramma circular é um acto nobre porque importa na superior condemnação da inutil passividade com que o sr. Souza Dantas tem feito até hoje a sua carreira de protegido do governo e amigo dos jornalistas.

«Chegando ao Ministerio, o substituto interino do Ministro effectivo dignamente reconheceu as faltas do seu passado e está disposto a punil-as com severidade na pessôa dos representantes do Brasil, que procederem como elle procedia antes de ser ministro interino das Relações Exteriores.

«Esse acto do illustre diplomata indica que elle deseja ser ministro effectivo e deve merecer, por isso, approvação do Congresso, contanto que tal approvação não importe na demissão do meu prezado compadre Lauro Muller, mesmo por que eu não seria tão burro que fosse descontentar a um politico que tem prestigio no meu Estado, para agradar a um menino bonito, que só tem valor em Buenos-Ayres. (*Assignado*, em falso) — CELSO BAYMA».

INSTANTANEOS

Scenas da vida carioca

E' um domingo. São duas horas da tarde. Eu, o illustre auctor destas linhas, sigo pela rua de Paysandú, com os olhos fitos no palacio Guanabara e o pensamento a errar em busca da bem-amada, que se diverte a applaudir *footballers*.

Rumo ao campo de *foot-ball*, apressada, muita gente passa, discutindo e gesticulando.

De subito, deante de mim, sahindo de traz de uma palmeira, uma menina esfarrapada supplica :

— Piedade, senhor. Tenho mãe e cinco irmãos doentes !

Muito commovido, dou-lhe uma insignificante moeda de quatrocentos réis, e prosigo. Ando poucos passos e de traz de outra palmeira surge deante de mim um rapazote esfarrapado, que implora :

— Meu senhor, tenho mãe e seis irmãos doentinhos !

Sem commoção, dou-lhe uma preciosa moeda de quatrocentos réis, e prosigo. A dois passos adeante, de traz de uma palmeira, surge uma moçoila mais ou menos suja, pedindo :

— Uma esmola, senhor. Tenho mãe e sete irmãos doentes !

Desconfiado, dou-lhe uma rica moeda de quatrocentos réis, e prosigo. Antes de chegar á primeira esquina, vejo apparecer aos meus olhos, sahindo de traz de uma palmeira, um rapagão corado e mal vestido, exorando :

— Tenho mãe e oito irmãos doentes. Dê-me uma esmola.

Indignado, respondo :

— Patife ! Vou dar parte á policia !

O rapagão desapparece, como um pé de vento. Ouço, ao meu lado, um grito :

— Miseravel !

Olho. E' a irmã dos sete enfermos que me insulta. Escuto outro grito :

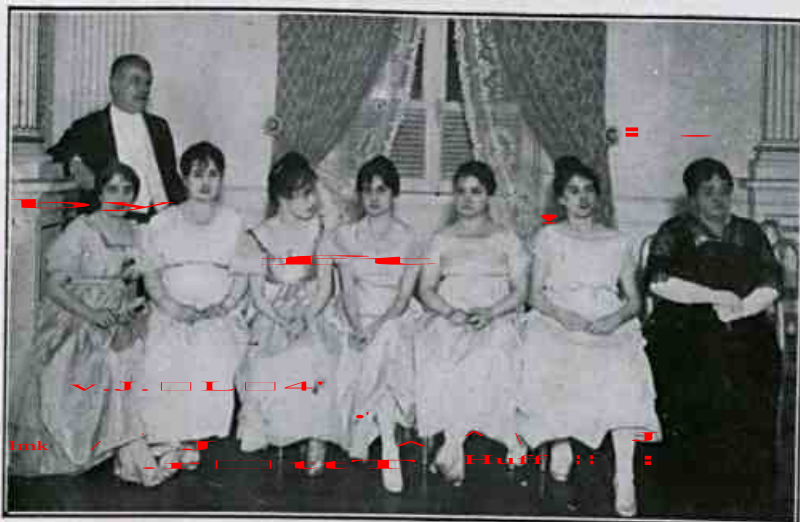
— Infame !

Volto-me. E' o irmão dos seis enfermos que me apostrópha !

Chega-me ao ouvido outro brado :

— Canalha !

Esguardo. E' a irmansita dos cinco doentinhos, que me vitupéra !

Nas ilhas Sandwich, os indigenas fazem-se privar de alguns dentes, arrancando-os em signal de lucto.

Club dos Diarios. A festa em beneficio do Patronato dos Menores

Teixeira Leite Filho, o peregrino escriptor que allia á graça artistica de um estylo vigoroso aos thesouros de uma erudição copiosa e solida, realisa hoje, ás 4 1/2 da tarde, no salão nobre do *Jornal do Commercio*, a sua conferencia sobre *Laocoonte e a tragedia*.

Desde 1913, por lembrança suggerida a um dos nossos companheiros, os nossos escriptores, abandoando-se num grupo de doze, realisavam, no salão do *Jornal do Commercio*, uma série annual de conferencias.

O calamitoso sitio de 1914 e a temerosa crise de 1915 não abateram os conferentes, que serenamente procuraram cumprir o programma de chamar a attenção das classes elevadas para o esforço da classe intellectual.

Este anno, motivos que desconhecemos não permittiram aos literatos associados em gremio assoberbado de deveres, a organisação da série annual de conferencias, e Teixeira Leite Filho, realisando um esforço muito louvavel, quiz manter a tradicção que se formava e agora se quebra.

Em 1913, em 1914 e em 1916, falando com brilho e profundeza sobre assumptos de alta responsabilidade, Teixeira Leite Filho justificou as esperanças que creára com o seu estudo sobre *Nero artista* e escreveu o seu nome entre os dos mais finos e rutilos escriptores da sua geração.

* * *

Estão marcados : — para hoje, ás 16 horas, no Theatro Municipal, o *recital* da illustre cantora Lydia Salgado ; para o dia 23, ás 21 horas, no salão do *Jornal do Commercio*, o concerto da eminente pianista senhorita Nininha Leão Velloso, e para o dia 25, no mesmo salão, ás 16 horas, o concerto da distincta artista do canto, senhorita Paulita Raineri.

* * *

O Gomes, romance de Custodio de Viveiros, é um livro despretencioso, que se lê com prazer, sorrindo, e ao fim de cuja leitura faz-se votos para que o auctor aproveite as altas qualidades de escriptor, que revella possuir.

Escola de Bellas Artes

O sr. Presidente da Republica cercado pelo mundo official visitando o «Salon»

Houve uma época em França, em que era considerado degradante o uso do cabello curto.

Os armenios christãos celebram o Natal no dia 6 de Janeiro.

Escola de Bellas Artes

Alguns quadros, ante os quaes os visitantes mais tem se impressionado

DIALOGO

Crepusculo. Emquanto no interior do velho jardim, reclamando a diminuição do custo das passagens, os estudantes apedrejam os bonds, no interior do Campo de Sant'Anna, dois amigos recentes, de semelhante cathegoria social, conversam.

O GUARDA DO JARDIM (*lendo um jornal*) — Você não móra no Catumby ?

O GUARDA MUNICIPAL. — Móro. Porque ?

O GUARDA DO JARDIM. — E' que eu tambem já morei lá, no tempo em que Catumby não era bairro elegante.

O GUARDA MUNICIPAL. — E ainda hoje não é muito elegante.

O GUARDA DO JARDIM. — Não diga isso, collega. Veja só esta recepção que houve lá na casa de Mme. Arapuca.

O GUARDA MUNICIPAL (*sorrindo com ar vaidoso*). — Chic, a recepção de Mme. Arapuca ?

O GUARDA DO JARDIM. — Pelo que diz este jornal, foi uma cousa de se lhe tirar o chapéo, foi uma festa de tres pancadas.

O GUARDA MUNICIPAL. — E foi mesmo. Custou-me os olhos da cara, mas foi um festão de arrebenta rabicho.

O GUARDA DO JARDIM. — Mas você foi a recepção de Mme. Arapuca ? Só se foi como creado e neste caso ganhou um bom cobre, em vez de perder os olhos da cara.

O GUARDA MUNICIPAL (*com orgulho*). — Com quem o amigo pensa que está falando ? (*Estruge approximando-se o tumulto dos estudantes. O guarda municipal, attingido por uma pedra na região frontal, cambaleia, com a face ensanguentada*).

O GUARDA DO JARDIM (*depois de ter amparado o ferido, fazendo sentar-se num banco*). — Espere um pouco. Vou chamar a Assistencia.

O GUARDA MUNICIPAL (*com um fio de voz*). — Antes da Assistencia, o reporter...

O GUARDA DO JARDIM. — O reporter ? Tem alguma cousa para a imprensa ?

O GUARDA MUNICIPAL. — Peça-lhe para dar a noticia, dizendo que o marido de Mme. Arapuca foi ferido por uma pedra, quando estava no exercicio (*com a voz fraquissima*) de sua elevada funcção.

O GUARDA DO JARDIM (*tirando o chapéo*). — Vossa Senhoria será obedecido.

Um grupo de artistas cujos trabalhos figuram no «salon»

O primeiro navio, verdadeiramente couraçado, foi lançado ao mar em 1860.

Os desertos cobrem quasi vinte e cinco por cento da superficie terrestre.

O REGRESSO A DEUS

Alguns deputados querem pacificar Deus com os militares, restaurando a religião no Exercito e reinstallando os altares nos quarteis.

Em apoio á idéia piedosa dos congressistas christãos, correm pelas casernas, conquistando assignaturas, listas destinadas a provar que o catholicismo alenta e robustece a alma do soldado brasileiro.

Até hoje, contra a nova christianisação das forças armadas, só protestou um official positivista, o capitão Magalhães.

Não me parece justo o protesto. Se a reinstallação da Igreja no Quartel representasse uma violencia feita aos sentimentos dos militares acatholicos, impondo-lhes a adopção de um credo religioso, o protesto seria acceitavel e até legitimo perante a lei.

Mas os serviços religiosos serão, apenas, destinados ás praças e officiaes que d'elles carecerem, que os desejam e solicitam e que os procuram, ou procurarem espontaneamente.

A liberdade de cultos não importa na suspensão d'elles e o governo parece que deve ser obrigado a satisfazer as necessidades espirituaes dos militares, do mesmo modo que lhes satisfaz as necessidades de ordem material.

O que os positivistas podem reclamar, é uma capella comteana em todo o quartel em que haja pessoal da sua falsa religião, e contra essa pretenção, fiquem elles certos, não se revoltará a paciente tolerancia dos crentes da verdadeira religião.

Os Estados Unidos são uma republica leiga e asseguram aos seus defensores os gozos dos serviços divinos e a França, cujas luctas contra o catholicismo são tão recentes, reconciliou-se com a Igreja sem violar as suas leis.

FREI ANTONIO

INSTANTANEOS

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DE *Careta* E DE VARIAS AGENCIAS)

ALTO DA BÔA VISTA, 11 (*Agencia Americana*). — Vae ser fundada a Estrella Côr de Rosa, sociedade beneficente destinada a soccorrer os *touristes* que subirem a pé a este bairro.

VILLA ISABEL, 11 (*Agencia Havas*). — O elephante do jardim Zoologico perdeu o marfim das trombas. Espera-se que o governo brasileiro envie ao governo de Berlim uma nota de energico protesto.

NICTHEROY, 11 (*Careta*). — O dr. Erico Coelho abandonou a politica e vae consagrar-se ao hypnotismo.

BUENOS AYRES

Casa do Governo

Theatro Colón

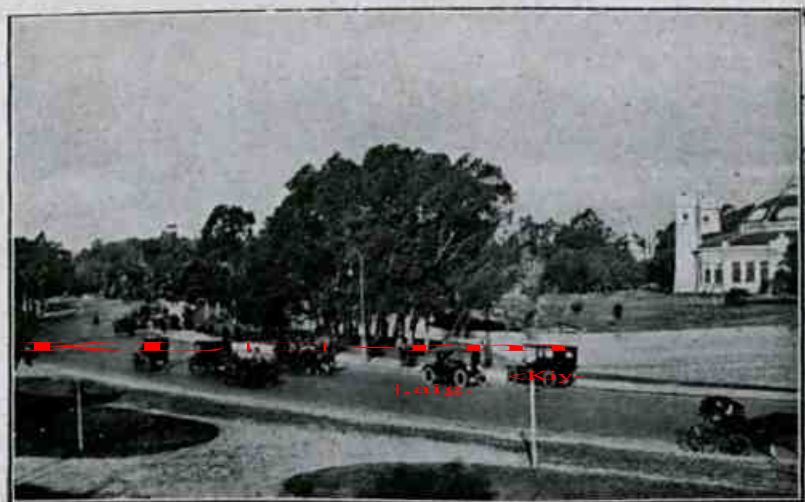
PAQUETÁ, 11 (*Jornal do Brasil*). — Os antigos moradores desta ilha asseguram que a heroina que fez o papel de Moreninha no *film* cinematographico exhibido no Cine-Palais não é a mesma que serviu de modelo ao auctor do romance. Tão grave adulteração vae produzir uma appellação á imprensa.

MANÁOS, 11 (*Careta*). — O Presidente do Estado nomeou uma commissão de Champolions para decifrar os hyerogliphos que se enredam na assignatura do subintendente Dorval Pires Porto.

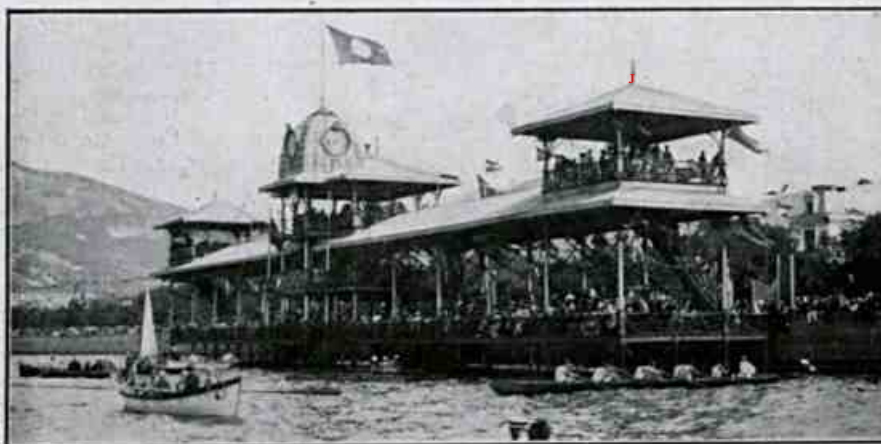
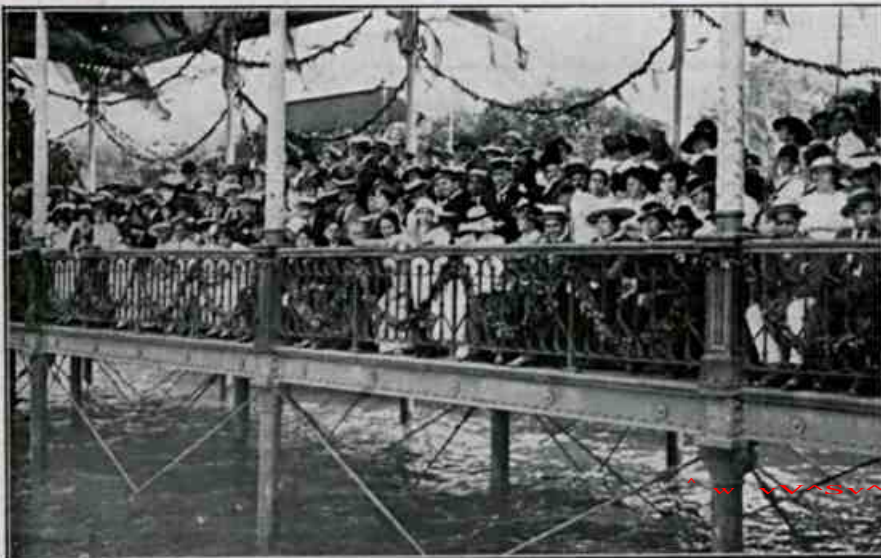
BERLIM, 11 (*Careta*). — Ainda não começou a nova revolução do senador Lauro Sodré.

S. CHRISTOVAM, 11 (*Agencia Wolff*). — Os animaes empalhados do Museo Nacional estão sendo atacados de colerina. Attribue-se tal inconveniente aos processos de sciencia franceza do dr. Bruno Lobo.

SANTA CRUZ, 11 (*Jornal do Commercio*). — Os campos de manobras estão ermos. Espera-se, porém, que logo que principiem as manobras do anno 2.000 appareçam alguns batalhões que tenham não só officiaes como soldados.

ILHA DO GOVERNADOR, 11 (*Careta*). — Consta que o governo vae vender em hasta publica as propriedades particulares que os senadores desejam comprar de graça.

Palermo

As regatas de domingo passado na enseada de Botafogo

Aspecto da enseada de Botafogo

Pavilhão Central

Aspectos dos varandins

«Aymoré», vencedor do Campeonato do Rio de Janeiro.

«Ibis», vencedor da prova classica «Dr. Julio Furtado»

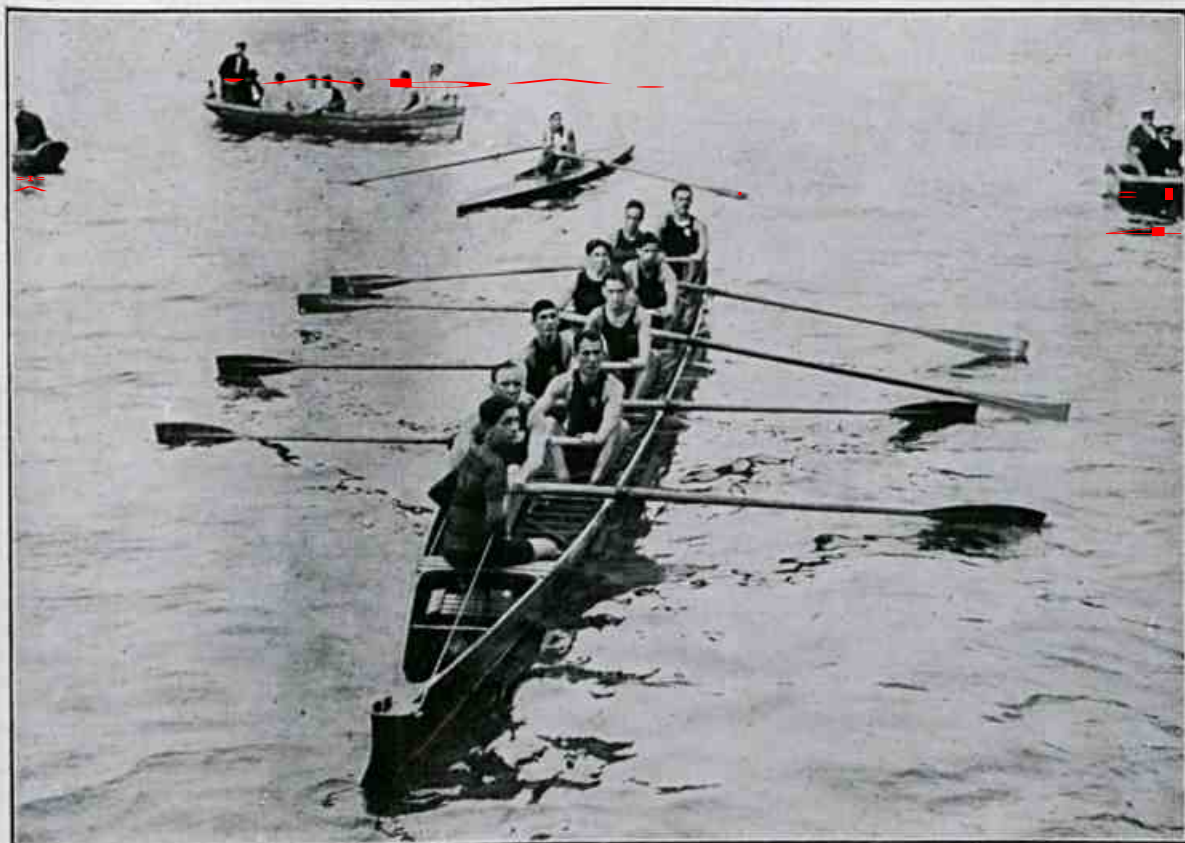
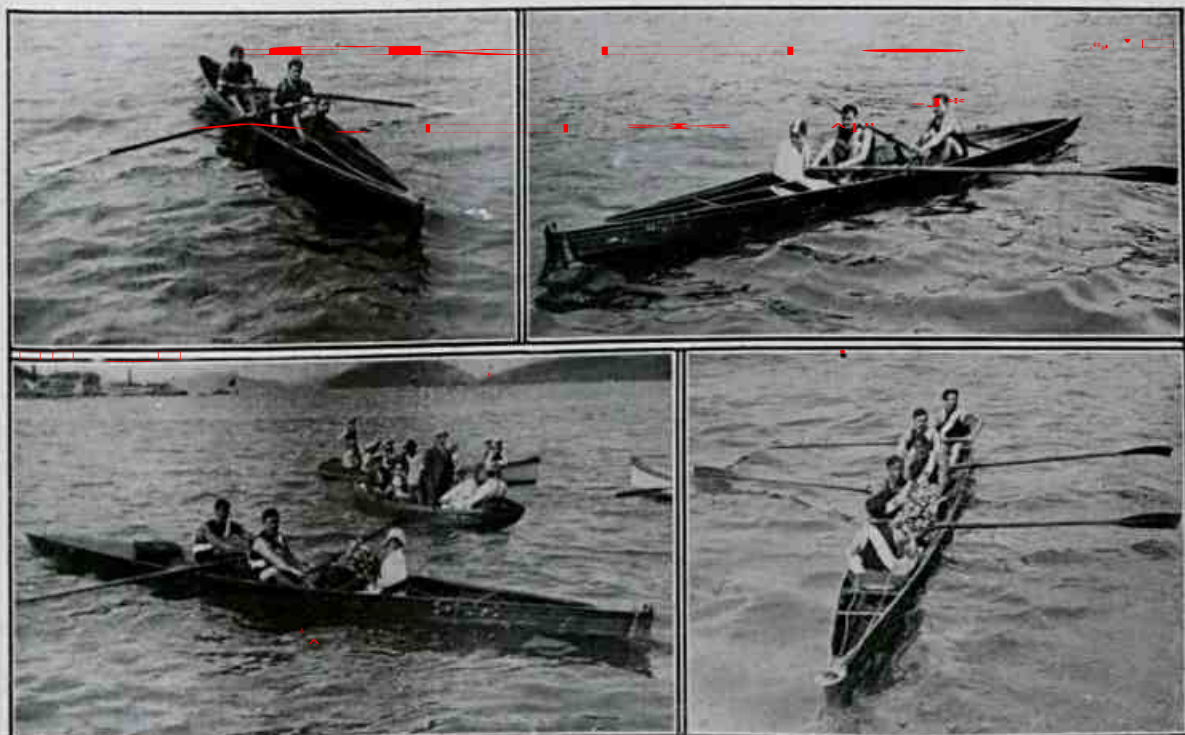
«Léo», vencedor da prova classica "Dr Pereira Passos"

Foram brilhantes e muito concorridas as regatas effectuadas domingo passado na enseada de Botafogo, organisadas pela Federação Brazileira das Sociedades do Remo. Estiveram repletos o Pavilhão Central e as dependencias dos varandins, comparecendo o Sr. Presidente da Republica, ministro da Marinha e outras autoridades.

No «Campeonato do Rio de Janeiro» sahiu vencedor o «yole» «Aymoré», do Club de Regatas Flamengo, seguido do «yole» «Pereira Passos» do Club de Regatas Vasco da Gama, que obteve o 2º lugar.

Eis os vencedores dos principaes pareos :

1º pareo «Dr. Azevedo Sodré». Vencedor : *Bellita*, do Club Internacional de Regatas; 2º pareo «Dr. Nilo Peçanha» : Deixou de apresentar menção; 3º pareo «Liga Metropolitana de Sports Athleticos» : *Asteria*, do Club de Regatas Vasco da Gama, em 1º lugar; 4º pareo «Federação dos Clubs Athleticos da Bahia» : *Mimosi*, do Club de Regatas Botafogo; 5º pareo «Imprensa Carioca» : *Juruá*, do Club de Regatas S. Christovão; 6º pareo «Federação Paulista das Sociedades do Remo» ; 7º pareo «Dr. Raul Cardoso» : *Alzira*, do Club de Natação e Regatas; 8º pareo «Prova Classica Dr. Julio Furtado» : *Ibis*, do Club de Regatas Vasco da Gama ; 9º pareo «Almirante Alexandrino de Alencar» : *Minas Geraes*; 10º pareo «Federação Brazileira de Sports» : *Ischion*, do Grupo de Regatas Gragoatá; 11º pareo «Campeonato do Rio de Janeiro» : *Aymoré*, do Club de Regatas Flamengo;

Na prova classica «Dr. Pereira Passos» venceu *Léo*, do Club de Regatas Guanabara.

«Aymoré», vencedor do Campeonato do Rio de Janeiro

I — Yole «Midosi», vencedor do 4º pareo. II — «Ibis», vencedor do 6º pareo.
III — «Ibis», vencedor da «Prova Classica Julio Furtado». IV — «Asteria», que venceu o 3º pareo.

Reflexões de um addido

Eu já disse muito bem das mulheres. Disse e me arrependo. Se tivesse ouvido as Sagradas Escripturas e os santos Padres da Igreja, não me veria hoje na situação de cantar a palinodia e retratar-me.

E qual o motivo da minha aversão subita ás mulhes ? A crise. Sim ; a crise e suas consequencias são devidas a ellas. Sobre isso não pode haver a menor duvida. Quem foi que introduziu o peccado no mundo ? Quem causou a expulsão do homem do paraizo ? A mulher. Se ella não tivesse desobedecido ao creador, estaria ainda hoje viva, todos nós no Eden, comendo e bebendo sem trabalhar, sem pensar em crise e na peior de todas as suas consequencias — o risco dos addidos irem para a rua, ganhar o pão com o suor de seu rosto.

Hoje eu dou razão até aquelle pai que, tendo concedido sua filha em casamento a um seu feroz inimigo politico, foi increpado pelos seus proprios correligionarios.

— Não extranhem, respondeu elle ; dei-lh'a em casamento para me vingar.

Se a propria paternidade reconhece os maleficios da mulher, imaginem que conceito faz della a filosofia.

Arius, filosofo antigo, não sei se grego ou romano, estava um dia á sua porta, a aquecer-se ao sol, como era habito dos filosofos daquella época, quando se approximou um vizinho a chorar.

— Que tens ? lhe perguntou o filosofo.

— Estou viuvo.

— Mas é isto caso de choro ?

— Sim porque é a terceira mulher que perco.

— De que ?

— Enforcou-se.

— Onde ?

— Na mesma arvore onde se haviam enforcado as duas anteriores...

O filosofo, que era casado, bateu-lhe consoladoramente no hombro e disse-lhe :

— O' amigo, você me dá uma muda dessa arvore ?

Outro sujeito, filosofo amador e rico perdeu a consorte. Mandou fazer-lhe os funeraes, que o empreiteiro realisou de accordo com a situação pecuniaria do marido. Passados os sete dias de nojo foi levar-lhe a conta. Era elevada. O viuvo arregalou os olhos e exclamou :

— Dous contos e oitocentos ! Por esse preço eu preferia que minha mulher não tivesse morrido...

As mulheres apparentemente mais graciosas e encantadoras não escapam a essa regra geral. Ha um caso que se cita, aqui mesmo na nossa sociedade. F. é casado com uma bella senhora nova, bonita e rica, admirada nos teatros e requestada nos salões. F é invejado pelos rapazes de sua roda e todos o acreditam muito feliz. Um bello dia, inesperadamente, F annuncia aos amigos que vai requerer divorcio.

— Como ! exclamam todos surprehendidos e incredulos. Divorciar-se de uma mulher bonita, nova, honesta, intelligente e graciosa como a sua !...

— Meus amigos, respondeu F, apontando para o pé, vocês estão vendo esta botina nova, lustrosa, elegante ? Pois bem, tudo isso é verdade, mas só eu é que sei onde ella me aperta.

De agora em diante me vou dedicar a recolher estes factos e divulgal-os e hei de arranzar definitivamente o resto de reputação de que ainda gosa a mulher.

Sei que por culpa della vou para a rua. Se não fosse Eva não haveria crise, nem deficit, nem orçamento, nem necessidade de equilibral-o e nós addidos não estariamos com o coração nas mãos ha mais de um anno.

Agora, se me demonstrarem que o infortunio dos addidos não provém de Eva mas do sr. Cincinato Braga, então eu me retratarei do que houver dito contra a mulher e assestarei minhas baterias contra o sr. Cincinato e o farei voltar da politica para a sua fazenda. Não será a primeira vez, na historia das nações, que isto succede.

PACUVIO SOEIRO
Addido ao Ministerio da Agricultura.

INSTANTANEOS — Em dia de moda

ELEGANCIAS

Em sua edição de 6 de Agosto, o *Commercio de S. Paulo*, tratando d'*A Moda*, na sua excellente secção que tem esse titulo, escreveu o seguinte :

«Graciosa cathedratica da moda, certa vez, aconselhou ás elegantes que observassem as caricaturas finissimas de J. Carlos, por que n'ellas encontrariam o *tic* caracteristico da elegancia, dessa elegancia que prende os olhos e nos retarda o passo.

«Esse conselho poderia ser considerado como uma amabilidade ao fino caricaturista, se não exprimisse um assento exacto, uma verdade que mais se esclareceu em uma visita que fizemos á exposição de caricaturas do sr. Ferrignac.

«Se a leitora visitou tambem a linda exposição, pode notar, por certo, que o artista se deleitou em exaggerar as fraldas dos vestidos, fazendo-as *flamboyantes*... Afinal o exaggero se desculpa, por que desde que surgio a *fralda tonel*, não passa um dia que esta mesma fralda se não vá augmentando de amplitude. Torna-se até necessario limital-a um pouco, na linha inferior da *silhueta*, por um cordão marginal».

Com um legitimo orgulho e por uma justa satisfação, transcrevo os trechos em que o jornal paulista constata, em relação ao nosso prezado companheiro, a consagradora opinião da cathedratica da moda.

Transcrevendo esses trechos, tenho a alegria de poder dizer que elles não exprimem apenas a solitaria opinião de uma elegante dama paulista, mas tambem a de numerosas damas da aristocracia carioca.

Mais de uma vez, nos salões do Rio, temos ouvido mais de uma senhora, referindo-se ao nosso illustre e querido J. Carlos, elevarem-no á cathedra, que elle não disputa, de consagrador elegante das modas.

O eminente artista, com tanta justiça, pelo consenso de tanta gente, elevado á altura de arbitro da elegancia, pretende, apenas, ser um observador dos costumes do seu tempo e é, na verdade, o fino interprete do mundanismo e o feliz creador dos symbolos que o definem.

DOMINGOS AYRES

A guerra na França

Aspecto de uma rua em Verdun depois de um bombardeio. Effeitos da artilharia pesada.

SABONETE
DELTA
Medicinal

SABONETE
MARFIM
Especial para a cutis

Ex.mo Sr. Senhor

É com o maior prazer que lhe venho afirmar que os sabonetes da companhia Usina de Productos Chimicos são os melhores que conheço, especialmente o sabonete Medicinal Delta e o sabonete Marfim para banho que é realmente delicioso

Rio de Janeiro 2-3-1916

[illegible]

Usé con muy buen resultado los jabones de la Cia Usina de Productos quimicos y me complazco en recomendar la marca Delta superior para el cutis y Marfim muy bueno para el baño.

Esperanza Iris

E' uma delicia ser burro

O burro é um animal que tem a rara sorte de não entristecer. Em compensação, desconhece tambem os inconvenientes da alegria. Entre parenthesis, diga-se que a alegria é inconveniente, ao passo que a tristeza é vantajosa. A alegria é como um vinho, entontece, faz delirar, põe a cabeça á roda e produz expansões cujas consequencias raras vezes deixam de ser pesadas. A tristeza, abaixando a grimpa, arrasta o homem á meditação, fal-o pensar demoradamente sobre cada cousa, e por isso as asneiras feitas por um individuo triste ficam sempre abaixo das cabeçadas de um sujeito alegre.

O burro, modelo da paciencia e da moderação, desconhece a alegria e não sabe o que é a tristeza.

O burro não sabe o que é a tristeza, porque a tristeza é o seu estado natural e para que ella pudesse azabumbal-o, como aos homens, seria necessario que na sua vida, como na dos seus collegas humanos, fosse apenas um periodo anormal.

O burro é um animal tão feliz com a sua falta de capacidade emotiva, que jamais zurra para exprimir cousas intimas e quem conhece a mentalidade de certos escriptores sabe que o quadrupede orelhudo só zurra para expellir dos dentes os fiapos de capim presos entre elles.

A situação do burro é a mais ditosa e, consequentemente, a mais invejavel, até quando uma grande carga lhe pésa no lombo, e é por isso que na sociedade a gente encontra tantas pessoas albardadas de casaca e sustentando fardos insustentaveis, com o sorriso da ventura nos labios e o pêllo da estupidez nas orelhas.

E' necessario alterar de forma judiciosa o antigo ditado condemnatorio da dignidade do burro, e exclamar: — quem não nasceu burro, peça a Deus que o mate, e ao Diabo que o carregue.

As creadas de hoje

A patrôa: — Joanna, succedeu justamente o que eu previa. Emquanto eu estive em S. Paulo, você deixou as traças roerem o meu vestido azul;

— Ora essa, minha senhora! Ainda no domingo passado o vesti!

—oo—

— De que systhema é o teu relogio?

— Ancora,.. de salvação, quando não tenho dinheiro.

Em casa. O chefe de familia pode utilisar-se della para acabar alguns trabalhos urgentes que não tinha tempo de fazer no escriptorio. A senhora pode escrever nella a sua correspondencia particular. Ella adapta-se perfeitamente para correspondencia social. Os filhos podem escrever nella as suas licções. Isto lhes facilitará a aprender.

No escriptorio. Muitos chefes de casas commerciaes são obrigados a escrever cartas de indole particular que não podem confiar a um correspondente. Esta machina é ideal para esse fim, pois não occupa lugar e desapparece numa gaveta quando não estiver em uso.

Para viagem. Touristas, agentes commerciaes, engenheiros, agronomos e toda e qualquer pessôa que tenha de escrever cartas, fazer relatorios encontrará na Corona um grande alivio e uma vez experimentado nunca mais deixará de leval-a comsigo onde quer que seja.

CASA PRATT

Ouvidor, 125 — Rio de Janeiro

A GUERRA

Ao Leal de Souza

Verá seu fim mais tarde... quando a Terra,
Deserta e fria, pelo céu vagar.
Então, talvez, desappareça a Guerra,
Por não haver ninguem para luctar.

Proseguirá, porém, de terra em terra,
De planeta em planeta, sem parar:
Não morre o Monstro, apenas se desterra
No infinito sistema intersolar.

Arfando as rubras azas impacientes,
De pouso em pouso, ha de alcançar, emfim,
Os limites dos mundos transcendentes.

E quando o Orbe tocar ao fim do Fim,
Ao restarem só dois sobreviventes,
Um delles será Abel, o outro, Caim.

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA

Rio — 915.

A VIDA ELEGANTE

Os finos prazeres requintadamente elegantes que neste glorioso anno christão de 1916 constituem o encanto e fazem o esplendor da fulgurante elegancia carioca, são: — passeio vesperal na Avenida Rio Branco, cinematographo, chá no Largo da Carioca ou na nova casa Alvear, *footing* semanal no Flamengo, *match* dominical de *foot-ball*, uma recepção em casa *chic* no começo do inverno e outra no fim da estação, um baile esporadico no Club dos Diarios, um chá por excepção no Jockey-Club e um espectaculo periodico no Theatro Municipal.

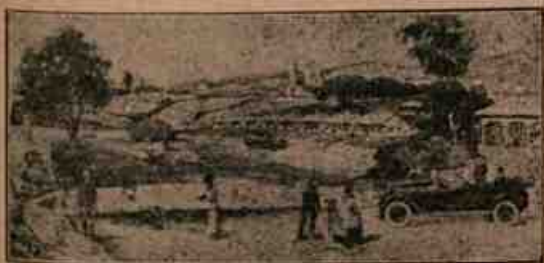
Essas poucas cousas são excessivas para a maioria da gente que faz elegancia, por que cada vez se torna mais difficil fazer elegancia com pouco dinheiro e o dinheiro começa a escassear em toda a parte, mesmo no Brasil, onde nunca se teve a justa noção do exacto valor delle.

As aperturas financeiras da elegancia pódem ser calculadas pela seguinte circumstancia notavel: — este anno, no dizer do mais constante chronista mundano — só appareceram na sociedade carioca duas senhoras que mudavam de vestido, e uma de chapéo novo.

E' possivel que haja engano na prosa do chronista, mas, segundo a opinião competente do homem do Assyrio, no restaurante do Municipal, nestas tardes e nestas noutes de 1916, a roda elegante bebe e come muito menos do que comia e bebia em 1915.

A esforçada legião dos famosos trezentos celebrisados pela prosa admiravel de Olavo Bilac está cada vez mais desfalcada e os poucos voluntarios que se disputam a honra de prehencher as vagas abertas pela fuga dos veteranos, não resistem a um mez de perdularia actividade e reformam-se obscuramente, sem terem ganho glorias na sua ephemera passagem pelos corredores de theatro e voltam a delicia equivoca dos baratos amores do cinematographo.

PARA DEPOIS DA GUERRA

A «GREAT ATTRACTION» NA EUROPA

Varios capitalistas europeus estão provando desde já que, quando terminar esta tremenda hecatombe que ensanguenta e devasta a Europa, nos dez primeiros annos que se seguirá á paz, acorrerá para aquella região um numero incalculavel de «touristes» do mundo inteiro, curiosa de vêr os estragos do cataclysma.

Nos gastos dessa visita empregarão os visitantes milhares de contos.

Para accommodar esses futuros «touristes» que, após a declaração da paz, irão visitar a zona occidental da guerra, uma companhia franceza já está se preparando para estabelecer casas e hoteis provisorios nas mais celebres linhas de batalha do norte da França.

A gravura acima dá uma idéa do plano dessa empreza.

O cypreste, mais resistente que a ardosia

Num tremendo furacão que recentemente desabou sobre Nova Orleans, ficou bastante estragada e com o tecto de ardosia arrancado e despedaçado uma grande casa dos arredores daquella cidade.

Entretanto nada soffreu, á pequena distancia, o tecto do paiol, construido de madeira de cypreste.

O cypreste, a arvore dos tumulos, é considerado pelo povo o symbolo da «separação forçada».

Passará agora a significar tambem «constancia eterna» ?

O egoismo das lebres

(Dizem os jornaes que na Austria já se pensa em comer carne de gato.)

A 1ª LEBRE — Nós devemos protestar. Vão impingir ao consummidor carne de gato por lebre.

A 2ª LEBRE — Chegou a hora de nos sacrificarmos, morrendo em defesa da especie.

Sofia Nappi

(Salvatore di Giacomo)

SALVATORE DI GIACOMO é napolitano. Destinado á medicina pela familia abandonou os estudos no quarto anno, pela literatura e pelo jornalismo. Estreou por alguns volumes de versos: *O funeco Verde*, *O Monasterio*, *Monacella*.

Produziu para o theatro: *O Voto* e *San Francisco*; algumas collecções de contos e novellas: *Menuetto*, *Setecento*, *Matinate Napolitane*, *Pipa e Boccale*, *Rosa Bellavita*, etc.

E' funccionario da Bibliotheca Nacional de Napoles.

* * *

A creada, perto da janella que dava para o pateo, estava occupada num trabalho de crochet; o sol batia-lhe no peito e nas mãos vermelhas que tinham deixado, um pouco antes, a lavagem da roupa e das panellas.

Ella estava inteiramente absorta na sua tarefa; o *crochet*, trabalhado por mão inexperta ainda, ia lentamente, parava e, de vez em quanto ficava nos joelhos da rapariga.

Do batente da janella, entre o vaso de hortelã e os fasciculos de um romance illustrado, o gato, que naquelle logar havia se installado, contemplava-a, piscando os olhos.

Era no mez de Agosto: uma temperatura pesada reinava no pateo silencioso; as horas de uma tarde enlanguecedora passavam modorrentas.

De repente escutou-se o som vibrante de um chamado. A criada levantou a cabeça; o gato levantou-se, arredondando o dorso e bocejou. A voz vinha do quarto da signorina Sofia e chamava pela creada:

— Emilia!

Houve um momento de silencio. O gato desceu da janella e foi-se. A criada, com as mãos sobre o crochet, a bocca aberta, prestou attenção.

Um instante depois, a mesma voz supplicante recomeçou do interior:

— Emilia!

— Ai! Jesus! suspirou a rapariga. Juntou o novello e o crochet, collocou-os sobre os fasciculos, perto do vaso de hortelã.

Depois respondeu alto, levantando-se:

— Signorina, onde é que está?

A voz respondeu da cama:

— Vem cá. Você não enxerga?

E a massa do leito appareceu confusamente aos olhos da creada que aos poucos se habituavam á obscuridade. Na penumbra, começou a ver esboçar-se vagamente a mesa redonda, a commoda no angulo do quarto e o divan perto da janella.

Emilia adiantou-se e sua sombra passou rapidamente pelo vidro poeirento de um espelho.

— Escuta..., murmurou a signorina.

E do leito onde se deitara vestida, um braço se extendeu e abraçou a pequena. Uma mão febril e tacteante apertou-lhe o pulso.

— Aproxima-te mais, disse a voz.

A signorina tinha-se levantado sobre o cotovello e seus grandes olhos negros interrogavam a criada; suas pupillas reluziam na obscuridade. A pequena, immovel, amedrontada, sentia-se imprssionada por esse olhar.

— Dize-me, dize-me, gostas de mim, gostas?... Ouve... dize-me. Si tua ama te pedir um serviço, um grande serviço, tu o farás, Emilia?...

— Oh! patrôa,... balbuciou a creada.

— Pois bem, eil-o; é pouca cousa. Vae procurar Henrique, no caminho de ferro, na partida... Achal-o-as com certeza. Entrega-lhe esta carta...

A signorina voltou-se sobre os cobertores e pegou a carta debaixo do travesseiro; as mãos da pequena sentiram o contacto do papel e recuaram timidamente.

— Não queres? Então não queres?...

Na penumbra distinguia-se a alvura da carta; a signorina havia-se levantado e sentado na cama, e procurava as mãos fugitivas; achou-as immoveis, abandonadas; ellas se recusavam ainda; ella tomou-as entre as suas, docemente. Introduzia a carta entre as palmas dessas mãos e fechou-as.

— Porque não queres? continuou ella, tens medo?... Não tenhas medo... Meu pae não volta antes da noite, eu o sei. Como devo pedir-te? Faze-me esta obra de caridade!

Houve um longo silencio. Irresoluta, a pequena conservava os olhos baixos e não respondia.

— Responde, Emilia, gritou a signorina. Que queres fazer?... Vaes lá?... Então não gostas mais da tua patrôa?... Não gostas mais d'ella?...

E de repente, interrompendo-se, ella pegou-lhe no braço e sacudindo-a:

— Vamos, que queres fazer? Ou vaes tu lá, ou eu me levanto e vou eu mesma.

— Eu vou, choramingou a creada. Dê-me a carta.

Esta cahira por terra perto do leito, sobre os sapatos brilhantes, com os quaes o gato puzera-se a brincar.

Ella apanhou-a suspirando:

— Que devo dizer-lhe?

— Que eu quero a resposta do que escrevi... E... si é verdade...

— Si é verdade!...

— O que dizem.

— Que quereis a resposta do que escrevestes e si é verdade o que dizem.

— E' isto. Vae, Emilia.

— E si seu pae voltar?

— Elle não voltara antes da noite, já t'o disse. Vae.

— Levo a chave da casa?

— Ah! Deus! mas certamente; vae... comprehendes... Lembras-te bem? Na estação. Chama-o fóra da sala de espera.

Volta depressa...

A creada sahiu escondendo a carta no corpinho. Tornando a passar pelo quarto que acabava de deixar, approximou-se da janella e olhou para o pateo. O grande pateo estava completamente deserto; num angulo, por um dos porticos de entrada passava uma restea de luz que se espalhava na calçada secca. A mulher do porteiro collocara ahi uma cadeira e nesta cadeira uma mantilha vergonhosamente suja do filho

no lado opposto o grande cano d'agua gotejava; a gota produzia leves ondulações em uma poça. O immenso quarteirão do Vasto, silencioso, parecia morto; nem uma voz, nem um rumor. Em frente á janella onde se detivera Emilia, abria-se a da Marangi, a dona da escola.

A pequena Marangi escrevia n'uma mesa, e, de tempos em tempos, lambia o medio da mão direita enegrecido de tinta.

— Signorina Marangi, disse-lhe a creada, vou desempenhar-me de uma commissão! A signorina Sofia fica sosinha. Poderia vigiar um instante a porta!

A Marangi levantou a cabeça. Respondeu laconicamente.

— Esta bem!

E poz-se a escrever emquanto Emilia descia a escada cantarolando. O silencio era tão grande que a Marangi ouviu distinctamente a voz da creada recomendar ao porteiro no pateo:

— Don Angiolo, não deixe subir ninguem. Vou comprar um tostão de agulhas e volto já.

A dona da escola que abandonara por um instante o braço sobre a mesa, estalou os dedos, deixou cahir a penna e suspirou profundamente. Seus grandes e suaves olhos azues velaram-se, cançados, atravez das palpebras. Ella velara para acabar a tarefa; mas havia ao lado dos que já tinham sido corrigidos um maço de deveres escolares esperando a sua vez.

— Paciencia! murmurou ella, passando, esfregando o index sobre as palpebras.

Como um echo, da janella fronteira uma voz repetiu:

— Paciencia!

— Ah! Sofia, és tu? disse a Marangi levantado os olhos.

A amiga, immovel e direita perto da janella, olhava-a.

— Que fazes, Laura?

A Marangi sorriu melancholicamente e, com os olhos, indicou-lhe os deveres esparsos sobre a mesa.

— Não vês? Escrevo. Corrijo calculos.

Houve um silencio. Ellas olharam-se, pensativas e tristes.

— E tu o que fazes? disse lentamente a professora.

A outra respondeu:

— Nada.

— E' muito pouco. Não?Não é verdade. Tu soffres, Sofia, tu soffres, eu o sei, disse a Marangi, e sua accentuação era compassiva e doce como seus olhos azues. Levantou-se da mesa e foi collocar-se perto da janella. Poz as mãos no parapeito. E gravemente, com a voz temula e perturbada, murmurou:

— Ouve, Sofia, deixa esse homem, pensa em ti. Pensa em ti, Elle não foi feito para o teu caracter nobre e bom. Elle te abandonará si tu o não abandonares. E' triste. Bem o sei. Ouve tua amiga, Sofia.

Sofia Nappi tremia; e, tremendo, suas pequeninas mãos exangues atormentavam as paginas do romance, o novello, o bordado, que a creada deixara na janella.

Respondeu:

— Si elle fizer isso... Bem... Verás Laura.

A Marangi sacudiu a cabeça com pena. Ellas fallavam baixo, mas o silencio era tão grande que as suas vozes ouviam-se perfeitamente de uma janella á outra.

Sofia contemplava sua amiga. E de repente disse-lhe com os olhos rasos d'agua:

— Como eu te invejo, Laura!

— Filha, não digas isto!

— Tu não tens coração para certas cousas, Laura; nunca amaste!

— Oh! filha, balbuciou a mestra com o coração transbordando de censuras e de recordações.

E curvou a cabeça sentindo-se enternecer. Procurou atraz de si a ponta da mesa onde se apoiou quasi desfallecida.

Quando tornou a erguer os olhos para a outra janella, achou-a deserta. Sofia desapparecera. A mestra arrastou-se lentamente ao longo da mesa, voltou a sentar-se no seu logar, pegou da penna e poz-se a contemplar as suas copias com os labios pallidos entreabertos. Molhou duas, tres vezes a penna, extendeu a mão, procurou um dos seus deveres no pequeno pacote e tirou-o penosamente. A mão e o dever ficaram immoveis na mesa. A Marangi inclinou lentamente a cabeça loura sobre o braço extendido e nelle escondeu o rosto.

A creada voltava. Seus pequenos tamancos resoavam na escada. A porta do quarto da Nappi abriu-se e fechou-se logo com um baque secco. A Marangi não se mexeu, não moveu a cabeça: chorava baixinho, sobre o braço extendido, sem saber porque, mas tão amargamente, tão amargamente...

Repentinamente ella foi sacudida por um grito agudo de angustia. A creada estava na janella e chamava-a com gestos desesperados.

— Emilia, gritou a Marangi.

— Ella atirou-se da janella! Oh! Meu Deus! Oh! signorina! A signorina teve a resposta desse moço...

A Marangi cobriu a face com as mãos, levantou-se e tornou a cahir sentada. Balbuciava aterrorisada:

— Oh! minha querida Sofia! Oh! Madona!

A creada como doida gritava:

— Da janella!... Ella atirou-se da janella.

Abriu a porta, precipitou-se na escada e desappareceu correndo.

Outras portas abriam-se e fechavam-se com força. Ouviam-se vozes confusas, corriam, alguem subia os degráos a quatro e quatro. De repente um murmurio elevou-se da rua terrificada, apavorada, até ás janellas. Augmentou; algumas pessoas entraram no pateo e todas olhavam para cima e, de cima, das janellas, os locatarios lhes perguntavam:

— Morta?... Morta?...

Ouviu-se soar no pateo uma campainha presa ao parapeito do primeiro andar, onde appareceu, abotoando a sotaina, o cura de Santa-Maria do Refugio que ali habitava havia um anno.

— Depressa, disse-lhe o porteiro que tocara a Absolvição!... Venha depressa.

Viu-se logo o padre descer a escada com o livro de missa na mão direita, sem chapéo, murmurando já na escada uma oração. Elle sahiu do pequeno pateo para a rua correndo. Depois fez-se um profundo silencio.

FIM

The right men in the right place

— A camara fica muito bem no theatro S. Pedro. O edificio tem capacidade para acolher um grande parlamento.

— Alem d'isso póde-se mudar o nome da praça para: Largo do Ocio ou, então: Praça Tiradentes Couro e Cabello.

Dirigia-me eu, aspirando a beatifica temperatura da avenida Central, para o aperitivo da tarde na *Colombo*, quando um arbitro de elegancias atalhou-me o passo com requebrada póse mimica para pedir opinião sobre a moda indigena.

— Sou cégo como um barbaro e não conheço o pontifice dos alfaiates, repliquei-lhe num bocejo e continuei o lento andar, paciente como um martyr entre poltrões, chupando na minha piteira a nicotina de um cigarro forte.

O arbitro de elegancias, porém, não se importunou com a minha indifferença e acompanhava-me, insistindo sempre nas mesmas perguntas.

De quando em vez, sendo eu obrigado a parar para dar passagem a qualquer cortezã mundana, encontrava-o firme em minha frente, perfilado como um index prophetico.

Depois de havermos percorrido metade do meu trajecto, elle convenceu-se finalmente que eu nada percebia de modas e resolveu dissertar:

— Quando estive em Paris...

Estremeci ao som lugubre dessa phrase. Em minha memoria, acepilhada repentinamente pelo phantasma do terror, lampejou uma reminiscencia salvadora. Molière recitava as suas peças ao creado antes de entregal-as ao publico. Porque não poderia eu improvisar a esse fidalgo mancebo o assumpto de uma chronica? Emquanto eu reflectia, elle procurava sondar o effeito de sua phrase atravez de minha physionomia e estava disposto a repetil-a com mais força para melhor me impressionar, quando resolvi expremer parcas ideias:

— O unico dom do civilisado, mostrando-se um verdadeiro elegante, é saber dar fórma á besta com a mesma cautela com que o artista procura polir uma medalha antiga sem lhe modificar a effigie.

O arbitro de figuras, cada vez mais dominado pela mania de demonstrar-me a sua auctoridade, pareceu não me ter ouvido e esperou que eu terminasse para proseguir:

— Em Paris...

Fingi não ter comprehendido a sua intenção e submetti-me ao sacrificio de mais longa palestra:

— Todo aquelle que, desprezando em si a besta, procura moldes perfeitos em fórmas estranhas, poderá representa um typo novo, mas nunca sahirá da commoda pacatez dos animaes domesticos...

Estaquei bruscamente. Um violento encontrão cortára-me a palavra. Logo adeante, saracoteando em torno de uma esguia actrizinha, um pardo molecóte de flôr rubra á lapella babava-lhe os seios murchos. Elle não lembrava o genti mono que Verlaine descreve arrepanhando as saias de sua duqueza para apreciar-lhe os tornozelos a cada passo que ella dava. Este escoicinhava os transeuntes, emquanto a tanga de sua dona, deixando em exposição longas pernas a palito, dava-lhe á cintura o aspecto desolador de um «abat-jour» desmantelado.

Desviando o olhar compungido dessa téla decadente, encontrei de novo a meu lado o arbitro de elegancias, muito tezo ao pé de mim como um boneco de chumbo.

Mal observou que a minha attenção voltára-se para elle, o bello figurino sorriu com intimo jubilo e tentou discretamente abrir a bocca:

— Pois Paris...

Senti o perigo novamente approximar-se e atalhei-lhe a phrase com mais affectada austeridade:

— A moda!... Sabe o senhor como Carlyle definiu o homem?... Heine já o classificára de «macaco degenerado», em suas *Memorias* creio...

O rapaz sacudiu mechanicamente a cabeça em signal negativo e com supremo esforço, num gemido de profundo resentimento ainda conseguiu mastigar:

— Mas em Paris...

— Carlyle affirmou, gritei eu, que «o homem é um animal de calças». Quer attingir a maxima perfeição entre os elegantes? Dispa pois as suas...

O moço fitou-me com um tão exquisito olhar de espanto que me reteve a palavra na garganta e depois, ingenuamente, em tom quasi infantil, exclamou:

— Então vou andar nu!

Tive vontade de abandonal-o, sentia cocêgas nos nervos e piparótes nos ouvidos, mas contive-me em tempo para apertar-lhe a mão antes de deixal-o e expliquei-lhe com laconismo:

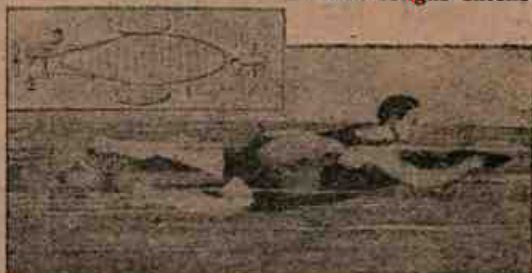
— Sendo o homem obra de Deus, nenhum alfaiate será mais perfeito do que foi o supremo precursor da belleza na fórma do primeiro homem, reduzindo a ella todas as concepções da moda...

O arbitro de elegancias correspondeu ao meu cordial aperto de mão, curvou-se em angulo ante uma senhora que passava e foi-se. Vi-o ainda entre a multidão, depois extraviou-se no interior de uma casa de chá como uma pedra falsa no bazar de um belchior.

GARCIA MARGIOCCO

Meio de nadar com segurança

A HYDRO-BICYCLETA

Por meio do apparelho assignalado na gravura, qualquer individuo que não saiba nadar póde atravessar longas extensões

liquidas, com absoluta segurança e sem o menor perigo.

Essa hydro-bicycleta, de invenção muito recente, poderia prestar incalculaveis serviços ao nosso paiz, com um littoral tão extenso e cortado de tantos rios.

O hydro-cyclismo poderia ser no Brasil um sport de resultados magnificos para a nossa mocidade.

Echos da greve dos estudantes

COMMISSARIO — E você, seu moleque, mettido em depredações, fazendo *letras*, tambem é academico?.

PRESO — Sim, senhô. Da academia de... letras.

ORACULO

DOMINGO. — Os redactores do *Eco da Guanabára* deliberarão fundar o *Theatro Grande.*

SEGUNDA-FEIRA. — Serão escolhidas as peças que constituirão o repertorio do *Theatro Grande.*

TERÇA-FEIRA. — Serão contractados os artistas para o *Theatro Grande.*

QUARTA-FEIRA. — O *Theatro Grande* arranjará theatro em que asyle a sua grandeza.

QUINTA-FEIRA. — Ensaio geral do *Theatro Grande*, alegria incontida dos directores, satisfação immensa do auctor, enthusiasmo furioso dos artistas, louvores antecipados dos criticos, anciosa espectativa publica.

SEXTA-FEIRA. — Por causa de um desaccordo dos directores com os artistas, não haverá espectaculo no *Theatro Grande.*

SABBBADO. — O *Theatro Grande* acabará numa scena épica de porrete interpretada com muita energia na redacção do *Eco da Guanabára.*

MME. DE THEBES

NA BOLSA DO COMMERCIO DE CHICAGO — A LINGUAGEM DOS DEDOS

Como se sabe, a Bolsa do Commercio de Chicago é o mais importante centro de commercio de cereaes do mundo.

Nos dias de operação alli se reunem milhares de mercadores para fazer as suas transacções de compra e venda. E como ha um barulho infernal e os negociantes não podem perder tempo em muitas explicações, está ha muito alli adoptada uma linguagem dos dedos.

Por um simples movimento dos dedos o negociante diz si quer comprar ou vender, porque preço, a quantidade que deseja, emfim todas as necessarias informações commerciaes.

E assim com esta mimica, sem uma palavra, se fecham ás vezes negocios importantes, de milhares de dollars, em grandes compras de milho, trigo, centeio, cevada, etc., para entregas presentes ou futuras.

CRIA FORÇA

Para a gente edosa

As crianças fracas e

Todas as pessoas debeis

O delicioso preparado de figado de bacalháu

SEM OLEO

Superior a todas as Emulsões!